

DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A INTERFACE ECOTURÍSTICA:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

Angélica Alves Ruchkys (UFMG)⁹

INTRODUÇÃO

Desde que se formou a Análise do Discurso, os estudos lingüísticos têm integrado o que tradicionalmente constituía a sua especificidade, ou seja, a materialidade da língua, com aspectos que entrecruzam esta materialidade: aspectos psicossociais, históricos, políticos e outros.

Um dos principais norteadores das diversas concepções de análise do discurso é a relação entre a linguagem e a sociedade. Esta pode ser considerada sob a perspectiva de uma «moldura» institucional que determina fortemente a produção de discursos (formações discursivas) e na qual se cristalizam determinadas posições históricas e sociais. A análise do discurso é, portanto, francamente interdisciplinar, no quadro mais amplo das Ciências Humanas o que lhe confere um acentuado dinamismo no desenvolvimento de suas pesquisas.

Um aspecto importante das relações entre linguagem e sociedade é a percepção do discurso em termos da articulação entre dois níveis: o intradiscurso e o interdiscurso. Segundo Maingueneau (1998, p. 90) “o *intradiscurso* opõe-se ao *interdiscurso* como as relações entre os constituintes do discurso opõem-se às relações desse discurso com outros”. Tais níveis são dimensões complementares do discurso: respectivamente, o conjunto de percursos semânticos¹⁰ na organização textual e as oposições que um discurso mantém com relação a outros. O intradiscurso e o interdiscurso são inseparáveis, sendo que um nível pode ser sempre analisado em sua articulação, que lhe é intrínseca, com o outro.

Este artigo busca analisar o funcionamento dos dois discursos centrais – o ecológico e o empresarial – que entram na constituição de reportagens que tratam sobre ecoturismo, a partir, especificamente, do texto *Os jardins secretos de Ubatuba*, da revista *Terra*. Metodologica-

⁹ Este artigo é uma parte adaptada de minha dissertação de mestrado intitulada “A interface discursiva ecoturística em reportagens da revista *Os caminhos da Terra*” e defendida em março de 2003, na UFMG.

¹⁰ Percurso semântico e a materialização, sob a forma de temas predominantes, de um ou mais discursos na superfície textual.

mente, a análise se fará mediante as relações entre os níveis intradiscursivo e interdiscursivo no referido texto jornalístico.

BASES TEÓRICAS

A presente investigação adota a noção de **discurso** nos termos de Fiorin (2000a, p. 31-32) como “uma unidade do plano de conteúdo”, isto é (2000b, p. 32), “um conjunto de temas e figuras que materializa uma visão de mundo”. Segundo este mesmo autor (2000a, p. 65), **figura**

É o termo que remete a algo do mundo natural: árvore, vagalume, sol, correr, brincar, vermelho, quente, etc. Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural.

E tema

É um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista orgulhoso, etc.

Cabe assinalar que discurso, na acepção aqui utilizada, é o mesmo que **formação discursiva**, conceito primeiramente adotado por Michel Foucault e posteriormente por Michel Pêcheux. Segundo Maingueneau (1998, p. 68), formação discursiva “é um sistema de regras que funda a especificidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito”. Esta definição de formação discursiva equivale ao conceito de discurso proposto por Fiorin. Outro aspecto importante em relação ao conceito de discurso diz respeito à identidade discursiva. A identidade de um discurso é fundamentalmente relacional, isto é, provém da relação com outros discursos. No caso da reportagem sobre ecoturismo, objeto de investigação deste artigo, pelo menos dois discursos principais interagem: o turístico – um discurso empresarial – e o ecológico. Não existe discurso “puro”; ele está sempre relacionando-se, mediante embate ou adesão, com outros.

Dessa maneira, a interação de um discurso com outros é constitutiva de sua própria identidade. Como afirma Faria (1999, p. 18), “o discurso só existe enquanto interdiscurso, interação de discursos, [...] pois o discurso se define por sua relação com outro(s).”

Dessa forma, interdiscurso é o conjunto dos discursos com os quais uma formação discursiva mantém relação. No nível interdiscursivo,

a principal categoria analítica é a oposição, pois um discurso pode ser identificado sempre a partir de sua interação antagônica com outro(s).

Assim, a especificidade de uma formação discursiva é determinada pela relação que esta mantém com outras. O discurso ecológico se opõe a todos os discursos que não têm entre seus temas principais a preservação da natureza. O discurso turístico, como os outros discursos empresariais, por outro lado, se opõe a todos os discursos que não têm entre seus temas principais o lucro.

Na reportagem *Os jardins secretos de Ubatuba*, da revista *Terra*, os discursos são materializados no texto, implícita ou explicitamente, por meio do que Faria (1999, p. 28) denomina **percursos semânticos**: conjuntos de temas e figuras manifestados no texto. Nessa acepção, o **intradiscurso** é considerado como conjunto de textos em que se manifesta uma formação discursiva, um discurso.

Esta investigação situa-se na perspectiva de uma análise lingüística que vai da imanência à aparência, ou seja, do nível mais abstrato de produção de sentido ao mais concreto e aparente nas estruturas textuais (Barros, 2001, p. 13). Identifica-se, quando necessário, subconjuntos no interior dos percursos semânticos, para se atingir o nível mais profundo de abstração. É o que acontece quando se designam os subconjuntos da preservação e da degradação ambientais, no percurso semântico da natureza, na reportagem aqui analisada. Verifica-se que este percurso semântico tematiza a natureza, fazendo-o de duas formas específicas: ora defendendo a preservação de elementos naturais, ora denunciando a degradação de alguns desses elementos.

A INTERFACE DISCURSIVA ECOTURÍSTICA

Contexto de realização da interface discursiva ecoturística

No período conhecido como milagre econômico, entre 1967 e 1973, o discurso empresarial, que sustentava o modelo de desenvolvimento econômico implementado no Brasil, opunha-se freqüentemente ao discurso ecológico. Naquela fase da economia brasileira, preservação ambiental e desenvolvimento eram comumente considerados incompatíveis.

Na revista *Terra*, particularmente na reportagem em tela, ao contrário, os discursos ecológico e turístico relacionam-se por adesão; a pre-

servação da natureza é vista não só como compatível, mas também necessária ao desenvolvimento econômico.

*A interface discursiva ecoturística
na reportagem Os jardins secretos de Ubatuba*

Antes de tudo, é preciso esclarecer que as designações discurso turístico e discurso ecológico na análise da reportagem em foco referem-se a parcelas desses discursos que, integradas, constituem a interface discursiva ecoturística.

Nessa reportagem sobre Ubatuba, verifica-se que o discurso ecológico, no percurso semântico da natureza, em seu subconjunto da preservação ambiental, apresenta um elenco de elementos naturais preservados, principalmente os da vida vegetal. Também fazem parte desse subconjunto semântico as atitudes preservacionistas de alguns personagens, como os surfistas e a comunidade local. A referência ao estatuto jurídico da região descrita (Parque Estadual da Serra do Mar) legitima as informações sobre o estado preservado de parte dos elementos naturais.

Ainda no percurso semântico da natureza, mas em seu subconjunto da degradação ambiental, conforme também se verifica adiante, há o contraste entre aspectos da vida urbana, como acúmulo de lixo e trânsito, e a tranquilidade do ambiente natural.

Nesse texto jornalístico, subjacente ao percurso semântico da natureza encontra-se o elemento /proteção/, que se opõe a /descuido/. Tais elementos semânticos estão ligados à oposição que manifesta intradiscursivamente o confronto interdiscursivo da formação discursiva ecológica com as que não propõem preservar o ambiente natural.

O discurso ecológico, em seu percurso semântico da natureza, mantém interface com o discurso turístico, em seu percurso semântico da oferta de produtos e serviços, por meio da estetização dos elementos naturais, para torná-los atraentes e comercializáveis. As metonímias que ressaltam um aspecto em particular da vida vegetal – a tonalidade verde – tomam a natureza como cenário para o usufruto turístico. O percurso semântico da oferta – no discurso turístico – apresenta-se, também, nos itinerários e sugestões de viagem mostradas na seção “Guia da terra”. Subjacente ao percurso semântico da oferta, encontra-se o elemento distintivo /comercialização/ – da natureza, no caso – que se opõe a /não-

comercialização/, ou seja, à abordagem do ambiente natural sem finalidade empresarial.

A começar pelo título *Os jardins secretos de Ubatuba* e pelo subtítulo *Praias desertas, matas, rios e trilhas escondidos em uma das regiões mais movimentadas do litoral de São Paulo* da reportagem, verifica-se, em interface, os dois percursos semânticos principais: o da natureza (em seu subconjunto da preservação ambiental), no discurso ecológico, e o da oferta (turística) – de agora em diante, apenas percurso semântico da oferta – no discurso turístico. Verifica-se também, adiante, a ocorrência do percurso semântico da natureza, em seu subconjunto da degradação ambiental, no discurso ecológico.

No título *Os jardins secretos de Ubatuba*, a metáfora “jardins secretos” sinaliza a maneira como a natureza será tratada ao longo do texto, isto é, de uma forma idealizada e humanizada, mais comprometida com a atratividade dos elementos naturais do que com a sua descrição exata e sistematizada. A metáfora “jardim” deixa subentendido¹¹ um local em que a natureza se encontra manipulada pelo homem e as plantas ornamentais são cultivadas visando ao belo. Portanto, nesse início do texto jornalístico, a interface discursiva ecoturística vem associada à beleza, à dimensão estética, o que estabelece implicitamente uma argumentação favorável à atratividade dos elementos naturais.

Na expressão “jardins secretos”, o uso do substantivo “jardins”, para designar a mata da região de Ubatuba, inicia a descrição da natureza em termos estéticos: ao longo da reportagem, são frequentes trechos que apresentam essa característica descritiva. A estetização dos elementos naturais é um dos recursos que são utilizados para torná-los atraentes e comercializáveis e que proporcionam a interface discursiva ecoturística. O adjetivo “secretos” do título expressa o alvo dessa oferta; “secreto” implica ser partilhado turisticamente por poucos. No texto, a expressão “jardins secretos” deixa subentendida a oferta de algo até então desfrutado por poucos, no percurso semântico da oferta.

No subtítulo *Praias desertas, matas, rios e trilhas escondidos em uma das regiões mais movimentadas do litoral de São Paulo*, a interface discursiva ecoturística mostra-se em substantivos como “praias”, “matas”, “rios”, que, da forma como são concatenados, sugerem um conjunto

¹¹ Por subentendido, nos referimos a “inferências tiradas do contexto pelo co-enunciador, com a ajuda de um raciocínio mais ou menos espontâneo, que se apóia nos princípios (as leis do discurso) que regem a atividade discursiva” (Maingueneau, 1998, p. 31).

paisagístico atraente. A baixa visitação de que esse conjunto paisagístico é alvo se manifesta nos adjetivos “desertas” e “escondidos”.

Em box¹², na primeira página da reportagem, encontra-se um pequeno texto que também manifesta a interface discursiva ecoturística, destacando a preservação ambiental e descrevendo os elementos naturais em termos estéticos:

(1) **Moldura verde** – A trilha do Saco da Banana leva às **belas praias** Vermelha do Sul e Brava. E revela o maior segredo da geografia do litoral norte de São Paulo: as verdes montanhas da Serra do Mar, que avançam sobre o oceano Atlântico. (p.24; grifos nossos, como nos próximos trechos grifados)

O título “moldura verde” é simultaneamente metáfora e metonímia da paisagem e atribui um valor cênico ao ambiente natural, projetando um olhar idealizador e até mesmo poético. O substantivo “moldura” se remete metaforicamente (comparativa e implicitamente, por meio de subentendido) ao universo das artes e, associado ao adjetivo “verde”, refere-se metonimicamente à paisagem; trata-se de uma retomada metonímica da parte pelo todo; isto é, a paisagem predominantemente verde é apresentada como se fosse inteiramente dessa cor.

Outra metonímia ocorre na expressão “as verdes montanhas da Serra do Mar”; há também uma retomada metonímica de um elemento natural: a montanha, predominantemente verde quando vista à distância, é tratada como se fosse inteiramente desta cor, para ressaltar a exuberância da cobertura vegetal.

O recurso à metáfora e à metonímia, para evocar o ambiente natural, revela um apelo ao belo que não visa à reflexão filosófica ou à estética, isto é, a discutir se a natureza é bela ou o que a faz bela; mas a ressaltar, como se afirmou, seu valor cênico, para torná-la atraente ao turismo.

Outro recurso utilizado para conferir atratividade aos elementos naturais é atribuir-lhes apreciações explicitamente positivas como as expressas pelos adjetivos salientados nas expressões “cachoeira **sensacional**” (p. 30), “praias [...] **especiais**” (p. 30), entre outras. A exploração dos aspectos plásticos extrapola a estrita descrição das características físicas dos elementos naturais. Essa visão edênica da natureza torna-se explícita em

¹² Segundo Rabaça e Barbosa, (1978, p. 50) box é o “espaço destacado geralmente por *fiões*, em matéria jornalística ou *anúncio* publicitário, destinado a fornecer ao leitor informações adicionais, quase sempre compostas em tipos diferentes do restante do texto.” (Grifos presentes no original.)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

(2) [...]diante da vista privilegiada da aldeia, da Mata Atlântica e do rio encachoeirado que corre na reserva, talvez eles [os índios] nem precisem ir tão longe assim. Encontraram o seu **éden** sem precisar cruzar o mar. (p.31)

O primeiro parágrafo do texto jornalístico, que narra o cotidiano de um nativo em sua relação harmônica com a natureza, é um dos recursos utilizados pela reportagem para conferir atratividade à região apresentada. Uma população local vivendo em harmonia com o ambiente natural integra o cenário da natureza preservada, sendo uma das figuras discursivas que, recebendo tratamento comercial, concretizam o percurso semântico da oferta, no discurso turístico, em interface com o da natureza, no discurso ecológico:

(3) O SOL AINDA NEM NASCEU e seu João do Prado, 70 anos, já caminha pelas areias brancas e fofas da pequena praia onde mora. Sua única companhia é o fiel cachorro Baleia. Como faz desde criança, Prado sai para buscar no mar o sustento do dia. Dessa vez não vai pescar. Caminha na direção do costão rochoso e leva consigo uma enxada e um saco velho. Apesar da idade, salta sobre as rochas com a agilidade de um menino. E põe-se a trabalhar. (p.26; grifos presentes no original)

(4) Foi o tempo em que **os visitantes descobriram o encanto das fartas rodas de robalo, do cerco às tainhas e das festas populares, sinais da cultura caiçara que a mistura das raças criou** num recanto até então desconhecido do litoral. (p. 30; grifos nossos, como nos próximos trechos grifados)

Os personagens do povo têm sua participação na reportagem caracterizada pela idealização de seu cotidiano e pela ausência de qualquer problema que possa advir da situação em que se encontram, isolados não só da conturbada vida urbana, mas também do acesso à saúde, à educação, à luz elétrica, entre outros aspectos. Além de idealizar os personagens da comunidade local, o texto jornalístico também não lhes confere um papel ativo na preservação do ambiente natural que habitam. Os moradores são visualizados em interação com a natureza uma vez que não agredem o ambiente natural e estão em harmonia com sua condição de vida. A comunidade local, além de ser tratada como atrativo turístico, é excluída da participação ativa na exploração turística da região em que reside. A interação de moradores e visitantes, apresentada pela reportagem, acontece mediante esse papel passivo atribuído aos primeiros.

Apesar da precariedade em que vive a comunidade local, o texto jornalístico lhe atribui uma qualidade de vida idealizadamente satisfatória, em decorrência do contato próximo com a natureza:

(5) Com o mar calmo, aproveita [João do Prado] para catar mariscos. Horas depois, um pouco arranhado pelas pedras, volta **satisfeito** para casa, na Praia Brava. Seu lar é simples: uma casinha em meio a um bananal e à flores-

ta, **com vista exclusiva das ondas verdes do mar.** (p. 26)

Os pescadores são personagens secundários, no percurso semântico da natureza, em seu subconjunto da preservação ambiental. Caberá aos surfistas o papel mais ativo de proteger o meio ambiente, conforme ilustram os trechos

(6) Os surfistas redescobriram praias remotas. E **hoje lutam para preservar a natureza.** (p. 27)

e

(7) E, mantendo um ciclo antigo de contato íntimo com a natureza, [os surfistas] **são hoje os que mais se preocupam com a conservação do meio ambiente.** (p. 29)

O texto jornalístico constrói uma argumentação favorável ao turismo em pequenos grupos, quando responsabiliza o turismo de massa por impactos ambientais. A atribuição dessa responsabilidade ocorre por meio de subentendido, quando o texto coloca como protagonistas da degradação ambiental os turistas numerosos que visitam Ubatuba no verão, ou seja, na alta temporada; isso pode ser visto nos exemplos (8) e (9):

(8) **Longe do caos deixado pelos turistas no verão,** a cidade consegue ainda preservar muitos recantos tranquilos, quase selvagens. (p. 26)

(9) A ganância da especulação imobiliária não respeitou praias, arquitetura, cultura, nada. Hoje, a cidade de 60 000 habitantes enfrenta as mesmas dificuldades do litoral paulista. **Na alta temporada, sua população salta para quase 500.000 pessoas. Com tanta gente, há falta de água, acúmulo de lixo, trânsito...** (p. 30)

Nessas passagens, o percurso semântico da natureza, mas no subconjunto da degradação ambiental, é explicitado nos vocábulos “caos”, “falta de água”, “acúmulo de lixo”, “trânsito”, em contraposição à tranquilidade do ambiente preservado, o que acentua o contraste entre este ambiente e o degradado. O contraste deixa subentendida uma relação de causalidade entre visitantes numerosos e agressão à natureza.

Dessa forma, a reportagem produz uma “realidade” na qual o ecoturismo é associado à preservação ambiental não apenas porque ocorre em ambientes protegidos, mas também porque é dirigido a poucos e porque a responsabilidade pela proteção da natureza fica restrita a um pequeno grupo, não sendo ampliada para um conjunto maior de personagens.

No percurso semântico da natureza, em seu subconjunto da preservação ambiental, a reportagem menciona o contato próximo dos sur-

fistas com a natureza. As suas atividades (o esporte que praticam, a descoberta de trilhas na mata e seu engajamento na proteção da natureza) revelam-se positivamente interativas. Essa harmonia entre parte dos homens e o ambiente preservado é um dos aspectos que caracterizam o percurso semântico da natureza (no subconjunto da preservação ambiental), do discurso ecológico. A natureza preservada está sendo oferecida como um produto turístico e, conseqüentemente, situa-se também no percurso semântico da oferta, no discurso turístico. Além disso, o produto turístico não é explorado somente sob o ponto de vista de suas atribuições concretas, como as características físicas do local e as condições de hospedagem, mas também sob o ponto de vista de atributos abstratos como a “harmonia entre os homens e a natureza”. Esses são alguns aspectos que caracterizam a interface discursiva ecoturística.

Há uma metáfora que contrapõe os surfistas mais uma vez aos protagonistas da degradação ambiental. Na metáfora “caçadores de onda” (p.29), o primeiro vocábulo, se tomado em sentido denotativo, remete ao universo da caça, uma atividade predatória; mas, no sentido implícito, subentendido, esse substantivo adquire um valor positivo: o usufruto da natureza destituído da agressão. Caçar implica matar ou aprisionar; mas, na reportagem, caçar é apenas buscar e usufruir.

O percurso semântico da natureza, no subconjunto da preservação ambiental, concretiza-se, também, na referência ao estatuto jurídico da região oferecida turisticamente; ela é protegida por lei. Essa referência ao atributo jurídico funciona como uma garantia de que se trata de um ambiente natural, cujos atrativos estão preservados:

(10) Com a criação do **Parque Estadual da Serra do Mar** e do **Núcleo Picinguaba**, em 1977, 80% da área do município – coberta por mata intocada – ficou protegida por lei. São mais de oitenta praias que compõem um vasto **cardápio costeiro**: elas têm águas calmas ou mar bravio. Areia branca ou preta, fofa ou dura. Com mangue ou restinga. Ou são cercadas por amendoeiras que garantem sombra nos dias mais quentes, quando não chove (...) (p. 26-27)

A passagem (10) é uma das que ilustram a descrição do ambiente natural como conjunto de opções de lazer. Nesse trecho, a diversidade paisagística recebe um tratamento que lhe confere atributo de destinação turística; a descrição da natureza não se presta à exatidão, como seria de se esperar de um texto científico da área de ciências biológicas, por exemplo, mas se faz com o detalhamento de determinados aspectos, como a tonalidade e a densidade da areia e o tipo de vegetação, que funcionam como atrativos de viagem.

É interessante também observar a metáfora “cardápio costeiro”, referente à diversidade da natureza. A associação da diversidade ambiental com o conjunto de opções de um cardápio revela a interface discursiva ecoturística, pois toma os aspectos naturais como opções de escolha para o leitor – turista em potencial – já que “cardápio” implica, deixa subentendida, refeição em estabelecimento empresarial (restaurante, bar etc.); como o cliente desse tipo de estabelecimento, que tem acesso a um conjunto de opções de produtos consumíveis mediante pagamento, o leitor projetado pelo texto teria relação semelhante com os elementos naturais. Assim, a natureza é vista como oportunidade de negócio turístico, o que fica explícito quando essa atividade é apresentada como alternativa de sobrevivência econômica do município, após o período de decadência pelo qual passou:

(4')¹³ A decadência veio com a abertura do Porto de Santos. A cidade caiu no marasmo e só em 1930, com a construção da estrada Taubaté-Ubatuba, **voltou a respirar. Foi o tempo em que os visitantes descobriram o encanto das fartas rodas de robalo, do cerco às tainhas e das festas populares, sinais da cultura caiçara que a mistura das raças criou num recanto até então desconhecido do litoral.** (p. 30)

As montanhas, as trilhas na mata, as cachoeiras, as praias, o povo nativo e até mesmo um pouco da história do local são apresentados no estado pertinente à interface discursiva ecoturística – no estado mais preservado. Trata-se, como foi visto, de um estado preservado que permite uma interação da natureza com o homem. Essa interação concretiza-se não só nas passagens que tematizam o cotidiano dos pescadores e as atividades dos surfistas, como também nos trechos que narram a história do local, como

(11) [...] os índios tupinambás reinavam nesse pedaço do litoral paulista. Esguios, fortes e guerreiros antropófagos, eles dominavam a arte da caça e da pesca, movendo-se no litoral em longas canoas de um tronco só. (p. 27)

(12) [...] Praia do Camburi, último refúgio dos caiçaras que vivem exclusivamente da pesca artesanal – uma tradição que anda ameaçada até mesmo no Nordeste. (p. 29)

Verifica-se que a interface discursiva ecoturística abrange grupos de personagens – cada qual desempenhando uma relação específica com a região: agressores, não-agressores e protetores da natureza. O leitor, turista em potencial, desfrutaria desse ambiente natural, em busca de lazer, de descanso e de fruição e não por necessidade de sobrevivência. É a esse

¹³ Parte desse trecho da reportagem analisada apareceu também na página 8 deste trabalho.

leitor que se dirigem as informações ecoturísticas prestadas pela revista *Terra*, tematizadas também nos itinerários e sugestões de viagem sistematizados na seção “Guia da Terra”. Este perfil de leitor, ou seja, o de um turista que viaja por lazer, se manifesta, entre outras, nas passagens em que o texto jornalístico explicita o convite à visita dos atrativos turísticos da região, como nesta “Dica do autor” [da reportagem]:

(13) **Esqueça** um pouco as belas praias de Ubatuba e **se aventure** pelas trilhas da Serra do Mar. Vale a pena buscar as cachoeiras secretas de um dos mais bem preservados bolsões de mata atlântica do país. (p. 31).

Em (13), a utilização do modo gramatical imperativo – como se observa nos verbos salientados em negrito – transforma o leitor em personagem; esta interpelação direta lhe confere, assim, de modo explícito, o papel de visitante do local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reportagem da revista *Terra* analisada neste artigo apresenta uma região de Ubatuba – cidade do litoral paulista – como destinação turística, destacando elementos naturais preservados. Dessa forma, tal texto jornalístico confere um tratamento mercadológico à preservação ambiental e situa-se na interseção do discurso turístico (um, entre outros discursos empresariais) com o ecológico. Nessa interseção, a interface discursiva ecoturística difere tanto do discurso empresarial tradicional quanto do discurso ecológico tradicional, tendo em vista que os percursos semânticos da oferta e da natureza – representantes típicos respectivamente dos dois referidos discursos – apresentam-se relacionados por adesão e não por oposição.

No discurso empresarial tradicional, o percurso semântico da natureza pode até vir a dele fazer parte, mas não desempenha papel principal. Do mesmo modo, no discurso ecológico mais freqüente, não há percurso semântico da oferta turística. É nesse sentido que se constitui a singularidade da interface discursiva ecoturística tal como se apresenta na reportagem em tela, ou seja, pela fusão de aspectos fundamentais do discurso empresarial (turístico) e do discurso ecológico mediante o tratamento mercadológico da preservação ambiental.

Assim, a identidade da interface discursiva ecoturística se constitui basicamente da complementaridade entre parcelas dos discursos turístico e ecológico.

O percurso semântico da oferta – no discurso turístico em interface com o ecológico – é caracterizado pela recorrência, ao longo de todo o texto, de elementos semânticos ligados à oferta de bens e serviços. Entre os bens turísticos apresentados estão os elementos naturais tratados na perspectiva estética e a comunidade local idealizada. Subjacente ao percurso semântico da oferta, encontra-se o elemento /comercialização/ (da natureza), que se opõe a /não-comercialização/. Estes elementos semânticos estão ligados à oposição que manifesta intradiscursivamente o confronto interdiscursivo do discurso turístico com outros discursos, que não são centrados na exploração lucrativa de viagens.

O percurso semântico da oferta se concretiza sobretudo na apresentação da natureza preservada e, a ela agregados, diversos outros aspectos, como a prática de esportes em interação com a natureza, tais como o *surfe* e as caminhadas pelas trilhas; e a harmonia entre a natureza e os homens, metonimicamente representados pela comunidade local ou por parte dela.

O percurso semântico da oferta apresentado na reportagem caracteriza-se sobretudo pela oferta de bens naturais preservados. Esse é o diferencial do ecoturismo em relação a outras atividades empresariais: o fato de basear-se em bens naturais. Dessa forma, o que está sendo oferecido ao consumo é a natureza preservada, o que implica a utilização não-predatória dos recursos naturais.

No discurso ecológico em interface com o turístico, o percurso semântico da natureza apresenta um elenco de elementos naturais, principalmente os relativos à vida vegetal, embora possam ainda ser destacados elementos que não pertencem a essa categoria, como a água e a areia.

Faz parte também desse percurso semântico, em seu subconjunto da preservação ambiental, a atitude preservacionista dos surfistas, frequentadores do local. Porém, o leitor – turista em potencial – não é transformado em personagem desse subconjunto semântico, especificamente, mas de outro, o da oferta, quando ele é convidado a usufruir das belezas naturais descritas pelo texto jornalístico. Neste sentido, o turista assumiria o comportamento daquele que apenas observa, vislumbra, usufrui.

Outro aspecto do percurso semântico da natureza, no discurso ecológico, é o subconjunto da degradação ambiental, que se manifesta na contraposição entre o ambiente urbano – caracterizado em seus aspectos mais negativos – e o ambiente natural – descrito positivamente. Tal con-

traste manifesta a idéia de que a degradação ambiental está associada a um grande número de pessoas que usam/visitam um local.

Dessa forma, já no percurso semântico da oferta, os bens naturais são oferecidos apenas a um seleto grupo de visitantes, os leitores da revista *Terra*. Somente uma parcela da população brasileira tem acesso a viagem de lazer; uma parcela ainda menor tem acesso a determinados tipos de viagem que exigem um certo poder aquisitivo, como por exemplo viagens a locais de difícil acesso, que exigem veículo particular ao invés de coletivo.

O texto jornalístico se direciona a um perfil de turista que busca aquilo que ainda não foi visto/usufruído por muitos o que, em certa medida, manifesta elitização da modalidade de turismo proposta: o ecoturismo.

As agressões à natureza são vistas como intervenções humanas destrutivas conseqüentes do progresso e da crescente degradação ambiental, sobretudo em função do aumento populacional. A própria atividade turística desempenha o papel de principal agressor sendo uma das responsáveis pela especulação imobiliária que afeta negativamente o uso e ocupação do solo da região. Porém essa degradação é atribuída ao turismo de massa, do qual a interface discursiva ecoturística procura se afastar por meio da valorização positiva da visita pouco numerosa.

Verifica-se, desse modo, que o ecoturismo é apresentado pela reportagem como uma alternativa de uso turístico diferente do tradicional, ou seja, do turismo de massa. O foco recai sobre a forma de acesso ao local e não sobre o local em si. A reportagem, inclusive, não omite o fato de que a região por ela retratada já foi alvo do turismo de massa. O que o texto jornalístico propõe, entre outros aspectos, é uma outra forma de visitação, caracterizada sobretudo pelo fruição da natureza preservada e pela oferta turística direcionada a poucos.

A interseção dos discursos ecológico e turístico, a qual produz a interface discursiva ecoturística, pode ser também observada, entre outros aspectos, na recorrência de metáforas que caracterizam uma descrição estetizada da natureza, como a que foi observada no uso do vocábulo “jardins” o qual, utilizado para evocar o ambiente natural, remete-se metaforicamente a um espaço onde a natureza se encontra manipulada pelo homem visando ao belo.

Outro aspecto que caracteriza a interface discursiva ecoturística é a utilização de metonímias para descrever o ambiente preservado. Elementos da natureza são tomados metonimicamente pela tonalidade verde, uma vez que apenas uma parte do ambiente natural – a vegetação – é predominantemente dessa cor. Este recurso ressalta a exuberância do conjunto de plantas que cobre as regiões retratadas, como foi observado no emprego do vocábulo “verde” para evocar as montanhas da Serra do Mar, no trecho “as verdes montanhas da Serra do Mar”, e o conjunto paisagístico, na expressão “Moldura verde”.

Além das metáforas que relacionam o ambiente natural com o universo da decoração e das metonímias que ressaltam a exuberância vegetal das regiões retratadas para torná-las atrativas ao turismo, outro recurso lingüístico que relaciona os percursos semânticos da oferta turística e da natureza é a atribuição de adjetivos positivos aos elementos naturais, como os vocábulos “sensacional”, para caracterizar as cachoeiras, e “especiais”, para as praias. Esses adjetivos são algumas das marcas lingüísticas que caracterizam o ambiente preservado em termos de cenário. Assim, a reportagem concebe o ambiente natural como espetáculo, ao privilegiar a fruição visual da natureza.

Finalmente, a articulação, no nível intradiscursivo, do percurso semântico da oferta, do discurso turístico, com o percurso semântico da natureza, do discurso ecológico, por sua vez articula-se, no nível interdiscursivo, basicamente com duas oposições. Na primeira, o discurso turístico se opõe a todos os discursos que não focalizam a exploração lucrativa de viagens. Na segunda, o discurso ecológico se opõe a todos os discursos que não estão centrados na preservação ambiental.

Ainda nos níveis interdiscursivo e intradiscursivo, simultaneamente, a exploração lucrativa de viagens e a preservação ambiental estão de tal modo integradas, que formam uma região comum na qual o discurso turístico se relaciona, por parcial adesão, com o ecológico. Essa interseção – a interface discursiva ecoturística – encontra suas condições de existência no universo discursivo em que a preservação ambiental passou a integrar o círculo das discussões cotidianas e a fazer parte da economia, em atividades do setor empresarial.

DEPARTAMENTO DE LETRAS
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos* São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 1988.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. *Sobre Germinal: interdiscurso, intradiscurso e leitura*. São Paulo: USP (tese de doutorado em lingüística), 1999.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000a, (ed.or.1989).

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2000b (ed.or. 1988).

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 1998 (ed. or. 1996).

Os caminhos da terra. São Paulo: Abril, nº 93, janeiro, 2000.

RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.